



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENAS: FIEI

EDILENE DOS SANTOS ARAÚJO

**ANÁLISE DE UMA ATIVIDADE A PARTIR DO CALENDÁRIO
SOCIOCULTURAL NUMA ESCOLA DA ALDEIA INDÍGENA DA PRATA,
POVO XAKRIABÁ**

Belo Horizonte

2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDIGENAS: FIEI

EDILENE DOS SANTOS ARAÚJO

**ANÁLISE DE UMA ATIVIDADE A PARTIR DO CALENDÁRIO
SOCIOCULTURAL NUMA ESCOLA DA ALDEIA INDÍGENA DA PRATA,
POVO XAKRIABÁ**

Percurso acadêmico apresentado no âmbito do Curso de Licenciada em Formação Intercultural para Educadores Indigenas - Habilitação em Matemática da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a conclusão do curso.

Orientador: Juarez Melgaço Valadares

Coorientadora: Fernanda Gonsçaves de Oliveira da Cruz

Belo Horizonte

2018

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho primeiramente a Tupã, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia, ao meu pai Justiniano Pereira dos Santos e minha mãe Elfidia Pereira dos Santos, aos meus filhos e Esposo.

Agradecimentos

Agradeço a Deus/ Tupã por ter me permitido a vida, pois sem ele nada seria. Aos meus pais Elfidia Pereira dos Santos e Justiano Pereira dos Santos, meus maiores exemplos. Pois sempre me incentivaram a continuar, sendo meu alicerce e cuidando dos meus filhos. Obrigado por vocês estarem sempre do meu lado! Porque vocês sempre me apoiaram para que eu não desistisse de caminhar nunca, ainda que em passos lentos, é preciso caminhar para chegar a algum lugar.

Ao meu esposo Vanderley Araujo Carneiro, por todo amor, carinho e paciência que tem me dedicado, sempre me apoiando nas minhas decisões e também por ser tão compreensivo. Estando sempre ao meu lado, apesar das distâncias, seu apoio foi muito importante para a conclusão desta etapa.

Agradeço a Diana a quem foi fonte de inspiração, e a diretora Eliane por me dar a oportunidade de realizar a pesquisa abrindo as portas da escola e me recebendo tão bem, aos professores e alunos e em especial seu Valdemar ancião e liderança da aldeia meu muito obrigado.

Aos meus amigos de curso Família Xakriabá, pois com eles convivi durante o período de quatro anos, e com eles aprendi o que é união, e nunca me deixaram me sentir sozinha sempre cuidando do outro.

As minhas amigas Janaina, Eliane que quando cheguei aqui elas já estavam e me acolheram sendo companheiras, e em especial minha prima Pollayne que se tornou uma grande irmã.

Aos professores do Curso FIEI que sempre estavam à disposição, sempre estando atentos a solucionar possíveis problemas, em especial aos Bolsistas que sempre me ajudaram, porém na reta final se esforçaram além Valber, Mariane e Marina e a Professora Ilayne meu imenso obrigado.

Ao meu orientador Juarez Melgaço Valadares e coorientadora Fernanda Gonsalves onde veio me mostrando o caminho a seguir para o meu conhecimento.

A professora e coordenadora da Turma Vanessa Tomaz onde tem minha admiração e respeito, por ser uma mulher guerreira e que se tornou minha fonte de inspiração.

RESUMO

Neste trabalho investigamos como se estruturou, em 2017, as atividades didáticas na Escola indígena Xakriabá Oyatomorim, na Aldeia Prata, utilizando o Calendário Sociocultural. Para desenvolver essa pesquisa, acompanhamos as reuniões de planejamento pedagógico, que contou com a participação de professores, lideranças da comunidade e direção da escola. Também foram feitas entrevistas com a diretoria da escola e com um professor do ensino médio, responsável pelos trabalhos de uma turma de alunos, e cujo desenvolvimento acompanhamos. A seguir, foram analisados os dados e as entrevistas, e os resultados das análises mostraram que os professores da aldeia Prata fizeram uma reinvenção do Calendário Sociocultural a partir de novas práticas. No que se refere às atividades desenvolvidas pelo professor que acompanhamos, observou-se a inserção da pesquisa como mecanismo de apropriação dos saberes tradicionais da comunidade pelos alunos. Tais práticas reforçam a construção de uma escola indígena diferenciada.

Palavras-chave: Escola Indígena diferenciada; Calendário sociocultural; práticas inovadoras.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Mapa do Território Xakriabá	14
Figura 2: Recorte do Mapa do Território Xakriabá.....	19
Figura 3: Escola Estadual Indígena Oaytomorim.....	21
Figura 4: Calendário sociocultural da aldeia Prata 2013.....	22
Figura 5: Calendário sociocultural da aldeia Prata 2014.....	23
Figura 6: Targeta feita pelos alunos 1.....	24
Figura 7:Targeta feita pelos alunos 2.....	25
Figura 8: Objeto Uru.....	26
Figura 9:Uru de aprendizagem da arapuca1.....	26
Figura 10:Uru de aprendizagem da arapuca 2.....	21
Figura 11: Professores do nível Médio.....	34
Figura 12: Professor do ensino médio Naldinho.....	35
Figura 13: Vice- diretora Diana.....	38
Figura 14: Diretora Eliane.....	38

Sumário

1.INTRODUÇÃO.....	9
1.1 APRESENTAÇÃO	9
1.2. JUSTIFICATIVA	11
1.2.1. A experiência do PIBID Diversidade	11
1.3 OBJETIVO GERAL.....	13
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	13
2. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ	13
2.1 CALENDARIO SOCIOCULTURAL.....	16
2.2. METODOLOGIA DA PESQUISA.....	17
3. CONTEXTOS DA PESQUISA	18
3.1 INFORMACÕES SOBRE A ALDEIA.....	19
3.2. CALENDARIO SOCIOCULTURAL DA ALDEIA PRATA.....	21
4. ANÁLISE DOS DADOS	28
4.1 DA REUNIÃO COLETIVA DE PLANEJAMENTO ÀS REUNIÕES POR GRUPOS DE PROFESSORES	28
1º momento: reflexões sobre o calendário e as práticas.	29
2º momento: os grupos de discussão e a construção de atividades	31
3º momento: apresentação das propostas	33
4.2. O TRABALHO DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO.....	34
4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS	35
Entrevista com o professor Naldinho	35
Entrevista com a vice-diretora e a diretora.....	38

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	48

1.INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é apresentar como é a organização de uma escola da Aldeia Prata na utilização do Calendário Sociocultural, desde o planejamento até a implementação de suas atividades didáticas ao longo de 2017.

Para apresentar a pesquisa, o trabalho está organizado neste texto da seguinte forma: no capítulo 1, Introdução, faço minha apresentação, contando a minha trajetória escolar e profissional como professora; explico o meu interesse pelo tema, e como tomei conhecimento desse tema na escola; minha experiência no PIBID Diversidade e termino com os objetivos da pesquisa. No capítulo 2, falo do território Xakriabá e da educação indígena do meu povo, mostro também o calendário sociocultural a partir de Gasché. No capítulo 3, apresento contexto da pesquisa, incluindo informações sobre a aldeia Prata e a escola e caracterizo o calendário sociocultural da Escola da aldeia Prata, construído a partir da proposta de Gasché. Finalizo este capítulo com a metodologia da pesquisa. No capítulo 4, análise dos dados, descrevo e analisando os três momentos em que acompanhei as atividades na escola: o primeiro, foi o acompanhamento de uma reunião de planejamento; o segundo, a organização das aulas divididas por níveis escolares seguindo as atividades do Calendário Sociocultural; e o terceiro, foi a apresentação das entrevistas com um professor e a Direção da escola. E por fim, no capítulo 5, trago as considerações finais do trabalho, onde discuto quais foram os objetivos alcançados com a pesquisa.

1.1 APRESENTAÇÃO

Meu nome é Edilene Dos Santos Araújo. Tenho 29 anos, sou casada, tenho três filhos, e moro na aldeia Sumaré II na reserva indígena Xakriabá, no Município de São João das Missões, norte do Estado de Minas Gerais. Sou filha de Elfidia Pereira Dos Santos e Justiniano Pereira Dos Santos, residentes na aldeia Sumaré III, onde nasci em 1987, onde vivi até meus dois anos de idade.

Morei em São Paulo até meus 19 anos, e lá estudei em escola não indígena dos anos iniciais até o 9º ano Ensino Fundamental. Eu terminei o ensino fundamental no

ano de 2002, e por motivos pessoais, parei de estudar. Retornei à minha aldeia no ano de 2006. Em 2009 decidi retornar os estudos, em uma escola da aldeia. Considero maravilhosa a minha experiência na escola indígena, porque foi através dela que me percebi como indígena. Parecia que antes eu era como um galho seco, e que, no mês de agosto, precisasse da chuva para brotar “os brotos”. Em minha visão, os professores foram esta chuva que fizeram brotar minhas folhas e entender o sentido de ser Xakriabá, ampliando a ideia de pertencimento, e talvez para muitos isto não tenha significado, mas para mim é tudo. De acordo com minhas experiências em estudar em uma escola não indígena, muitas coisas não faziam sentido. Já na escola indígena tudo parecia fazer sentido, e foi na escola que eu entendi o significado de fazer parte, na prática, de uma comunidade, de um grupo, me reconhecendo como membro do Povo Xakriabá. Fui compreendendo os objetivos dos professores, a política da comunidade e, ao mesmo tempo, querendo fazer parte daquilo tudo, queria vivenciar os projetos e as atividades que ali eram desenvolvidas. Desde então venho procurando entender o papel e as formas de atuação do professor indígena, e os significados de uma Educação Indígena diferenciada.

Em 2010 recebi a proposta para trabalhar com a Educação para Jovens e Adultos (EJA) mesmo que ainda estudando eu comecei a trabalhar. Concluí o ensino médio no ano de 2011, com muitas dificuldades, pelo fato de já ser casada e ter filhos, porém tive muita ajuda dos familiares e professores.

No ano de 2014 passei no vestibular Formação Intercultural para Educadores Indígena (FIEI) da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), na habilitação de Matemática. Quando entrei na Universidade já tinha sido preparada pelos professores da minha aldeia, e nesta preparação recebi a lição de que o professor indígena é uma “liderança”; frase também dita pelos sábios de nossas aldeias. Tenho o objetivo de levar todas as informações úteis para o meu povo, podendo assim contribuir de alguma forma para ajudar a resolver os problemas da comunidade indígena. Ouvi muita a seguinte frase dita pelos os professores e liderança da minha aldeia: “Um pé na Aldeia, Outro no Mundo”. Agora entendo melhor o significado desta frase, pois ela tem muito a ver com esta jornada ao qual estou passando.

No ano de 2016 comecei a trabalhar como professora do Estado, na Escola Estadual Indígena Bukinuk, com a turma do 9º ano onde estou trabalhando até hoje.

1.2. JUSTIFICATIVA

Após entrar no FIEI fui escolhida para ser bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). No PIBID participei de algumas oficinas realizadas durante um seminário do FIEI, na Faculdade de Educação da UFMG, onde as professoras do povo Xakriabá, Diana e Cleuza, nos apresentaram o Calendário sociocultural, como proposto por Gasché (2012). O Calendário por elas apresentado descreve o cotidiano das práticas culturais que ocorrem mês a mês na aldeia Prata e é utilizado para levar essas práticas para a escola. Espera-se que o conhecimento e os saberes que fazem parte das práticas culturais Xakriabá da aldeia Prata sejam articuladas ao saber científico(GASCHÉ 2012). Durante a oficina aprendemos a construir e a utilizar materiais didáticos para desenvolver as atividades escolares. Desde então tive o interesse de pesquisar sobre o calendário sociocultural e a entender a sua utilidade no currículo da escola indígena Xakriabá.

Apesar de achar muito interessante a proposta do calendário e perceber os resultados interessantes que as professoras mostraram na oficina, me questionava: Como o calendário poderia ajudar realmente o desenvolvimento de práticas escolares diferenciadas nas escolas Xakriabá?

1.2.1. A experiência do PIBID Diversidade

Em outubro de 2014 me tornei bolsista do PIBID Diversidade atuando na Escola Estadual Indígena Bukinuk, localizada na aldeia Sumaré II, com a supervisão da pedagoga Fernanda Gonçalves de Oliveira Cruz, coorientadora deste trabalho. A escola Bukinuk funciona desde do ensino educação infantil ,até o ensino médio. Uma escola que é a sede e cinco outras escolas são vinculadas. A pedagoga Fernanda orienta e supervisona as práticas educativas tanto na sede quanto nas escolas vinculadas.

Desde o primeiro contato com a minha supervisora, ela me apresentou o planejamento sobre o Calendario Sociocultural na escola e eu passei a acompanhar os professores para auxiliá-los no que precisassem da minha ajuda. Ao fazer o

acompanhamento desses professores, percebi que eles trabalhavam individualmente e de forma indireta com a proposta do calendário. O modo que eles utilizavam o calendário não acompanhava todo o ciclo das atividades culturais e cotidianas ocorridas. Também os planos de aula não eram elaborados em concordância com os eixos propostos pelo Calendário.

Em 2015, ao mesmo tempo que acompanhava os professores como bolsista do PIBID, eu também atuava como professora na EJA. Em 2016, comecei a trabalhar como professora na escola Bukinuk com o 9º ano. Desde que tive contato com a proposta do calendário, venho tentando, junto com minha supervisora do PIBID, usá-lo na minha prática educativa. No entanto, percebemos que as dificuldades eram muitas, pois o planejamento que eu fazia não era coletivo. Por isso, pensava que se somente eu adotar uma prática diferenciada poderia surgir questionamentos dos outros professores.

A supervisora também falava de dificuldades, pois não é simples fazer mudanças nos planejamentos anuais, seguir realidade de cada aldeia, trabalhar com os conteúdos ligados ao tempo das águas e tempo das secas, enfim, trabalhar com os eixos do Calendário Sociocultural nas escolas indígenas.

Mas havia algumas escolas das aldeias Prata, Barreiro, Custódio, Rancharia e Brejo Mata Fome já vinham utilizando com certo sucesso a prática educativa do calendário sociocultural nas atividades desenvolvidas no cotidiano das escolas. Em função disso, achamos importante conhecer as práticas pedagógicas que ocorrem nessas escolas.

Assim, neste trabalho decidimos apresentar a experiência de acompanhar a organização do trabalho docente de uma escola da aldeia Prata, que vem utilizando o Calendário para o desenvolvimento de suas práticas com relativo sucesso. A nossa intenção é saber como o calendário articula, na prática, os saberes tradicionais e o conhecimento científico, e como a direção e os professores organizam suas práticas dentro da proposta do calendário.

Esta pesquisa tem como meta mostrar como funciona passo a passo a implantação da proposta do calendário, e dessa forma esperamos ajudar os professores de outras aldeias a ampliar as suas práticas pedagógicas.

1.3 OBJETIVO GERAL

Acompanhar uma escola da Aldeia Prata na utilização do Calendário Sociocultural, desde o planejamento até a implementação de suas atividades didáticas ao longo de 2017.

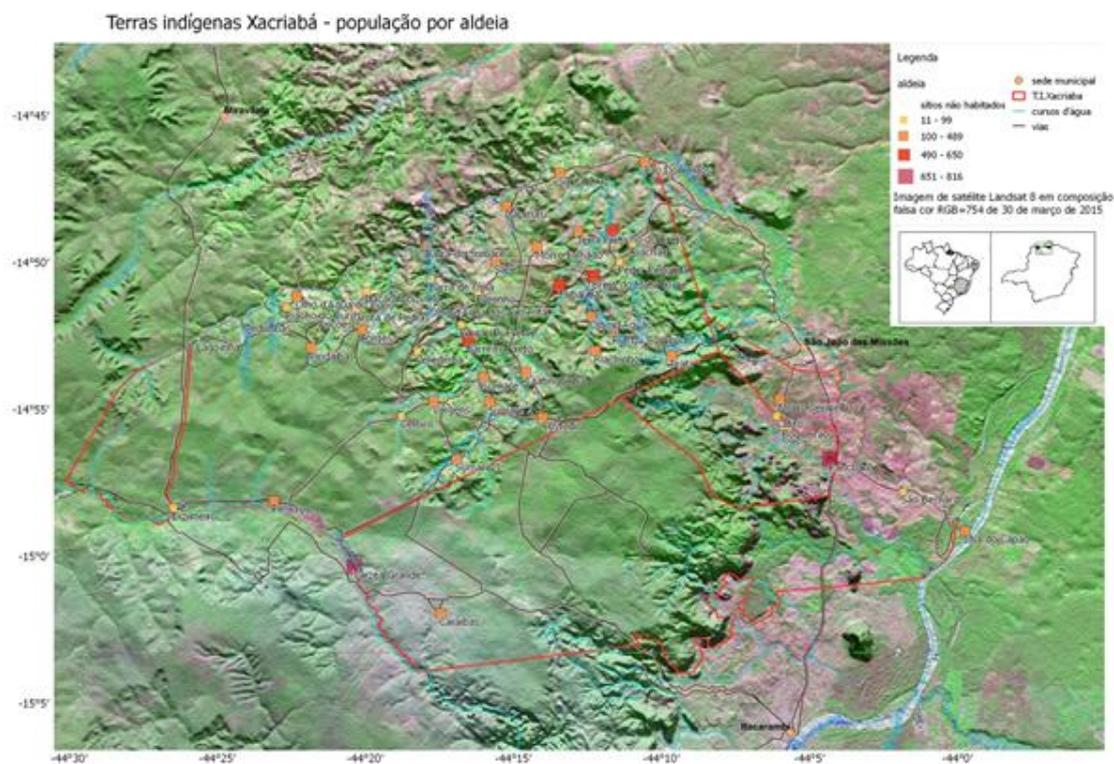
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- a) Compreender como o Calendário sociocultural é usado na construção dos eixos curriculares de cada semestre;
- b) Entender como a organização do trabalho escolar é feita a partir da discussão do Calendário;
- c) Perceber como os docentes atuam usando o Calendário;

2. A EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA XAKRIABÁ

Não teria como falar da educação sem falar da luta pelo território; a primeira luta dos Xakriabá foi pela demarcação de suas terras, por volta do ano de 1988. O povo Xakriabá, em número próximo de 11 000 habitantes, vive em Terra Indígena (TI) Xakriabá, que é dividida em 36 aldeias. São elas: Brejo Mata Fome, Barreiro Preto, Sumaré I, Sumaré II, Sumaré III, Forges, Sape, Itapcuru , Caatinguinha, Barra do Sumaré, Itacarambzinho, Embaúba, Morro Falhado ,Vargens, Riacho dos Buritis (antigo defuntos),Pindaíba, Riachinho, Prata, Peruaçu, Dizimeiro, Vargem Grande, Caraibas, Santa Cruz, São Domingos, Rancharia, Custodio, Pedrinhas, Riachão, Porções, Olho d'Água, Riacho do Brejo, Boqueirão, Furado dos Patos, Furado do Meio, Caatinguinha de Rancharia. Todas essas aldeias ocupam uma área de 53.000 hectares de terra. O território, como um todo, faz limites com os seguintes municípios: Manga, Miravânia, Montalvânia, Januária e Itacarambi.(CRUZ, 2013 p.8)

Figura 1: Mapa do Território Xakriabá



Fonte: Mapa do PGTA (Plano de Gestão Território Ambiental) de 2016.

Com o território demarcado foram surgindo novas demandas; a necessidade de se discutir aspectos relacionados à saúde e educação escolar indígena. Até 1995, na educação, os professores não eram indígenas, os prédios que tinha para dar aula eram poucos, os professores não-indígenas não chegavam até final do ano letivo, acarretando prejuízo aos alunos. Por tudo isso, ficou evidente a necessidade da formação de professores Indígenas para atuar em suas escolas. A cada direito conquistado novos desafios eram traçados, assim, a luta pela demarcação dos territórios foi acompanhada pelo direito dos povos indígenas a terem uma educação escolar diferenciada, tanto na educação básica quanto na educação superior. Sobre esse direito podemos ler o que a Câmara de Educação Básica (CEB) do Conselho Nacional de Educação (CNE) publicou:

De acordo a constituição Federal Brasileira de 1988 assegura as comunidades indígenas o direito a uma educação diferenciada, específica e bilíngue, além dos princípios educacionais dirigidos a toda a sociedade brasileira (igualdade de condições no acesso e permanência na escola; liberdade na aprendizagem, ensino,

pesquisa e divulgação do pensamento, arte e saber, pluralidade de ideias e de concepções pedagógicas, e coexistência das instituições de ensino; gratuidade do ensino publica; garantia de padrão de qualidade e outros), (CNE/CEB nº3/1999: 12).

Para tanto, era necessário definir “escola indígena”:

Para que as escolas indígenas sejam respeitadas de fato e possam oferecer uma educação escolar verdadeiramente específica e intercultural, integradas ao cotidiano das comunidades indígenas, torna-se necessário à criação da categoria "Escola Indígena" nos sistemas de ensino do país. Através desta categoria, será possível garantir às escolas indígenas autonomia tanto no que se referem ao projeto pedagógico quanto ao uso de recursos financeiros públicos para a manutenção do cotidiano escolar, de forma a garantir a plena participação de cada comunidade indígena nas decisões relativas ao funcionamento da escola (CNE/CEB nº3/1999; 10).

A formação de professores indígenas para atuar nas escolas das aldeias não se fez sem desafios e resistências. Uma das resistências veio do prefeito do município de São João das Missões que, não sendo indígena, achava que os indígenas não eram capazes de serem professores em escolas do território. Naquela época – ano de 1997 – a própria comunidade construía pequenas salas que funcionavam como sala de aula. Essas resistências foram quebradas e aos poucos, os professores foram mostrando sua capacidade e assumindo a educação escolar indígena.

Atualmente, temos professores formados em Magistério no nível médio e Licenciatura. Mas, o grande desafio continua sendo a construção de uma escola intercultural, na qual os diversos saberes e culturas se encontrem nas práticas escolares. Segundo as lideranças, quando reivindicamos o direito de uma escola no território, aparece o desafio de fazer valer as leis e diretrizes que assegurem os direitos de uma educação indígena diferenciada. Além disso, torna-se importante diferenciar educação indígena e educação escolar indígena.

De acordo Gersem dos Santos Luciano, indígena do povo Baniwa.

a educação indígena refere-se aos processos próprios de transmissão e produção dos conhecimentos dos povos indígenas, enquanto a educação escolar indígena diz respeito aos processos de transmissão e produção dos conhecimentos não-indígenas e indígenas por meio da escola, que é uma instituição própria dos povos colonizadores. (LUCIANO, 2006, p.129)

Diante disso, fica mais evidente a necessidade da formação de professores Indígenas. Assim, para enfrentar os desafios de uma escola que vem de fora, no ano de 1996, iniciou-se a primeira turma do Magistério, parte do Programa de implantação de Escola Indígena (PIEI), com os povos Xakriabá, Pataxó, Maxakali e Krenak. O curso teve a duração de quatro anos.

Em 2006 iniciou o Programa de Apoio à Formação Superior e Licenciaturas Indígenas – PROLIND-UFMG, com cinco anos de duração, distribuídos em 10 etapas intensivas e 10 etapas intermediárias, com o objetivo de formar e habilitar professores indígenas com enfoque intercultural para que se tornassem aptos a lecionar nas escolas de ensino fundamental e médio (RESENDE *et al.*, 2011, p.02). Em 2009, iniciou-se o Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas – FIEI-UFMG, curso que vem formando os professores Xakriabá.

No ano de 2015, os professores Xakriabá, com formação no magistério PIEI e a licenciatura Indígena pela UFMG, assumiram o magistério indígena no território Xakriabá. O principal objetivo do magistério indígena era capacitar os professores indígenas que possuíam apenas o ensino médio para ministrarem aulas para as turmas das series iniciais das escolas indígenas.

2.1 CALENDARIO SOCIOCULTURAL

A proposta do Calendário Sociocultural é uma prática educativa desenvolvida nas escolas indígenas Xakriabá, com intensidades e proposições diferentes. Nesta prática educativa é feita a junção entre o conhecimento científico e conhecimento tradicional.

Essa proposta foi apresentada para os estudantes indígenas Xakriabá pelos professores dos cursos FIEI/PROLIND e FIEI da Universidade Federal de Minas Gerais -UFMG, em 2009. Desde então, essa proposta pedagógica tem sido estudada e discutida no curso e pelos Xakriabá por meio de projetos de pesquisas desenvolvidos pelo Observatório de Educação Escolar Indígena (OEEI-FaE-UFMG) e nos projetos de ensino, como o PIBID Diversidade, além de ser tema de pesquisa nos trabalhos de percursos dos alunos do FIEI.

A proposta do Calendário Sociocultural está fundamentada nos trabalhos do pesquisador mexicano Jorge Gasché (2004), que propõe um método de ensino que prevê a construção do Calendário Sociocultural das atividades cotidianas da aldeia.

Segundo esse autor, o Método Indutivo Intercultural (MII) centra-se na intencionalidade pedagógica e nos exercícios da interculturalidade (CRUZ, 2013 p.15). Esses consistem em levantar e descrever atividades cotidianas do tempo do calendário da aldeia para tornar explícitos os conhecimentos e os componentes da comunidade e da natureza. A análise e reflexão dessas atividades leva à construção dos indicadores que serão usados para a abordagem dos conteúdos da escola, cuja referência conhecimentos científicos: a) Astronômicos; b) Climatológico; c) Hidrológicos; d) Biológicos; e) Ciclo das atividades: sociais, produtivas, artesanato, cerimônias. O MII recomenda também a separação das atividades sociais dos homens, mulheres, jovens e crianças. São identificadas as mudanças temporais, climáticas, os comportamentos dos animais, dos vegetais da comunidade, das crianças, jovens e adultos, contribuindo para o planejamento pedagógico nas escolas indígenas. Assim, pode-se abrir a possibilidade de assegurar a integridade da sociedade e da natureza, partindo da atividade cotidiana e de acordo com a perspectiva histórica e cultural de cada comunidade indígena (SILVA, 2016).

O planejamento é feito em cima de um calendário que cobre um ciclo anual que acompanha o tempo da natureza e as atividades culturais da comunidade. A partir desse calendário, são escolhidas as atividades e os alunos vão pesquisar sobre essas atividades. Depois são criadas tarjetas pelos alunos com o conteúdo das pesquisas feitas por eles.

2.2. METODOLOGIA DA PESQUISA

Este trabalho se insere dentro da pesquisa qualitativa. Nessa abordagem valoriza-se o contato direto e prolongado do pesquisador com o ambiente e a situação que está sendo estudada. (GODOY, 1995 p.62).

Para atingir o objetivo desta pesquisa que era acompanhar a elaboração e implementação do calendário sociocultural da aldeia Prata, participei de algumas

reuniões de planejamento, realizei entrevistas com professores da escola envolvidos com o calendário, além de ter acompanhado o trabalho de alunos. Todos os encontros foram registrados em um diário de campo.

As anotações e observações de reuniões de planejamento mostram o momento em que o calendário sociocultural é validado e legitimado pelos docentes e lideranças da comunidade. Neste sentido, a minha participação nas reuniões teve como finalidade a observação de como foi estruturado o Calendário Sociocultural em uma situação concreta. Além, disso, fiz o acompanhamento e a observação de algumas aulas de 1º ao 5º ano, 6º ao 9º ano e das turmas o ensino médio. Essa divisão entre as turmas acompanha as propostas pedagógicas feitas pelos professores em reunião.

No que se refere ao acompanhamento de algumas aulas, participei de atividades em todos os níveis de ensino da escola. Na series iniciais observei e registrei uma única vez as discussões sobre o tema escolhido por aquele grupo: o casamento entre as pessoas de antigamente. Na turma do ensino fundamental observei e registrei uma atividade do Viveiro na Escola onde tem mudas e plantas medicinais. Por fim, na sala do ensino médio, participei das atividades em grupos proposta pelo professor, fotografei e realizei entrevistas com um professor sobre a organização do trabalho de orientação e pesquisa dos alunos do ensino médio.

Além disso, realizei uma entrevista com a diretora e vice-diretora da escola para entender a origem da proposta do calendário na escola e investigar a pertinência dos trabalhos e de que forma aconteceram às experiências e a implementação do currículo escolar.

3. CONTEXTOS DA PESQUISA

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual Indígena Oaytomorin, localizada na aldeia Prata, município de São João das Missões. Essa aldeia fica distante 30 minutos de moto da aldeia Sumaré II, onde resido. Fiz a escolha da Escola Estadual Indígena Oaytomorin, pois foi através das professoras Diana e Cleuza, que lecionam nesta escola, que me foi apresentada essa pratica educativa. Tenho como meta pessoal e

profissional levar o uso do calendário para a seleção de conteúdos na escola na qual eu trabalho, isto é, Escola Estadual Indígena Bukinuk.

3.1 INFORMACÕES SOBRE A ALDEIA

A aldeia em que moro fica há cerca de treze quilômetros da Aldeia Prata, onde foi realizada a pesquisa. A figura seguinte mostra as duas aldeias num recorte do mapa do território Xakriabá.

Figura 2: Recorte do mapa do território Xakriaba



Fonte: Mapa do PGTA Xakriabá(Plano de Gestão Territorial Ambiental)2016.

A aldeia Prata está localizada na Terra Indígena Xakriabá, Município São João das Missões/Norte de Minas Gerais. Atualmente, existem 125 famílias, com aproximadamente, 520 pessoas. Na mesma, tem um posto de saúde que funciona diariamente. Existe o Campo de futebol, o Cemitério, um posto de saúde. Todos os profissionais ligados à saúde e a liderança e vice-liderança que ajudam na organização interna e externa da comunidade participam da escola.

Sobre as características físicas e culturais da aldeia Prata pode-se ler:

Na aldeia antigamente existia muitas nascentes que supriam a necessidade da comunidade, mas com o passar do tempo foi se perdendo. O tempo foi se transformando e essa riqueza também foi acabando. Atualmente, as pessoas usam a água encanada de uma aldeia vizinha (Riachinho). As pessoas sobrevivem da

agricultura e da criação de alguns animais como: porco, galinha, gado, pato, cocá, etc. As pessoas mais jovens tem se deslocado da aldeia para outros estados, por longos períodos para trabalharem e manter a sobrevivência da família, em especial, os homens. Antes chovia muito e hoje não chove com bonança e aquilo que se produzia com grande quantidade não acontece mais e a dificuldade tem crescido cada vez mais com a escassez da chuva. Existem alguns artesãos que têm suas habilidades em trabalhar com madeiras na produção de pilão, colher-de-pau, banco-de-sentar, mesa. Alguns trabalham na produção de colar, pulseira, brinco, maracá, uru. Outros trabalham com o barro na produção de cerâmica, entre outras habilidades. São guardadas datas importantes internas da comunidade e também de toda a Terra Indígena Xakriabá (SILVA, SANTOS; 2017, p.15).

Segundo as autores, a Aldeia Prata recebe esse nome porque na maioria da terra é cor prata e boa parte é branca. Esse nome foi dado pelos bandeirantes que daqui retiravam muitos minérios e pelos primeiros moradores dessa aldeia que trabalhavam para os bandeirantes. Para o Sr. Valdemar, liderança, mestre e sábio da aldeia, a sua vegetação é reconhecida pelos moradores da aldeia como tabuleiro/cerrado. É rica em recursos naturais como em diversas plantas medicinais e frutíferas que são utilizadas pela comunidade.

Assim como na aldeia Sumaré II, há uma Escola Sede que atende da Educação Infantil ao 3º ano do Ensino Médio, com cerca de 180 alunos. A escola possui diretor, vice-diretor, professores, auxiliares de secretaria e de serviços gerais. Todos participam das atividades que envolvem o calendário.

Na Escola Estadual Indígena Oaytomorin são 06 turmas Ed. Infantil (4 e 5 anos), PPA, 1º ano, 2º ano, 3º ano, 4º ano e 5º ano, com total de 71 alunos no fundamental I, e 04 turmas, 6º ano, 7º ano, 8º ano e 9º com total 46 alunos no fundamental II e 03 turmas 1º ano, 2º ano, 3ºano com total de 31 alunos no Ensino Médio, totalizando 148 alunos matriculados . O quadro de funcionários da escola da aldeia Prata é de 20 professores, 02 ATB, 01 diretor (a), 01 vice-diretor (a), 02 bibliotecário, 4serviçais,1 coordenador pedagógico. A escola tem como segundo endereço outra escola que fica localizado na aldeia Riacho comprido, onde são 04 turmas mutiseriadas sendo PPA, 1º e 2ªSérie juntas, 3ª e 4ª Série juntas, com total 15 alunos no fundamental I, e 02 turmas mutiseriadas 5ª e 6ª Série, 7ª e 8ª Série com total de 22 alunos no fundamental II,

totalizando 36 alunos matriculados. O quadro de funcionários da escola riacho comprido são de 4 professores e 02 serviçais.

Figura 3: Escola Estadual Indígena Oaytomorim.



Fonte: Arquivo pessoal da pesquisadora.

3.2. CALENDARIO SOCIOCULTURAL DA ALDEIA PRATA

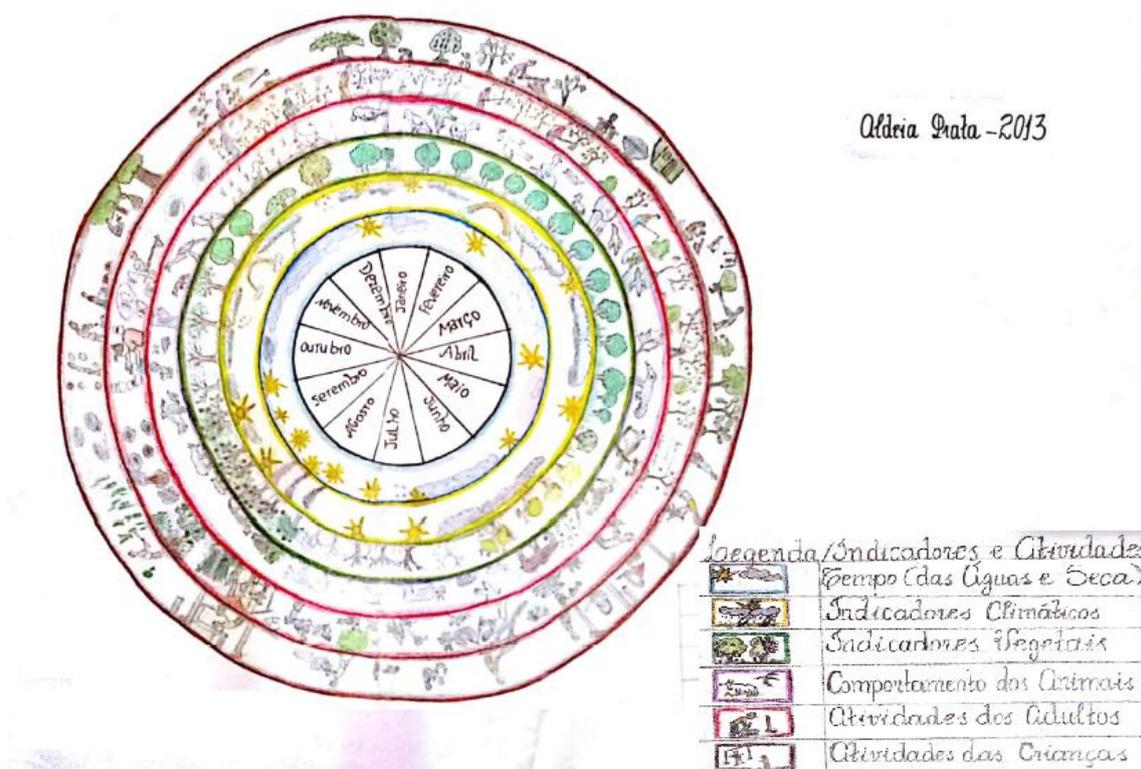
A prática educativa do calendário sociocultural foi apresentada à Diana na UFMG, quando ela ainda era estudante do PROLIND. Ela contou que quando ouviu a proposta achou muito parecida com a forma que os professores da sua aldeia já trabalhavam, porém era indiretamente.

Diana levou a proposta de Gasché para sua aldeia, onde fez uma reunião coletiva com as pessoas mais velhas e liderança. Juntos eles fizeram o levantamento de todas as práticas culturais da sua aldeia. Ela conta que escreveu todos os acontecimentos culturais, mês a mês, que acompanham o ciclo da natureza, observando a participação

das crianças. Nessa reunião ficou definido que o calendário da aldeia Prata teria dois ciclos: o das água e das seca, devido nossa região ser cerrado.

E assim, no ano de 2013, os professores e um aluno fizeram um desenho onde colocaram em forma de ilustração as atividades das praticas culturais do calendário sociocultural da aldeia, como mostrado no desenho abaixo.

Figura 4: Calendário Sociocultural da Aldeia Prata 2013



Fonte: Material didático da Escola Oaytomorim.

Em 2014, fizeram outro desenho como mostra a figura 5. Os desenhos de 2013 e 2014 são usados como referência para os professores ou quando eles vão apresentar a proposta fora da aldeia.

Figura 5: Calendário Sociocultural da Aldeia Prata 2014



Fonte: Material didático da Escola Oaytomorim.

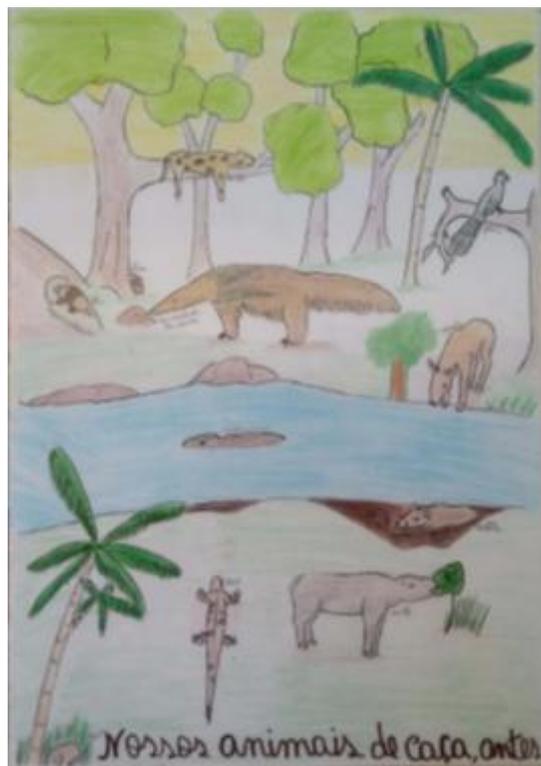
Para exemplificar como as atividades são elaboradas a partir dos desenhos, descrevo o relato da professora Diana sobre uma atividade cotidiana que acontece durante o ciclo da natureza, no mês de agosto, que se encontra no tempo da seca. Segundo ela, os professores, partindo do Calendário mostrado na figura 1, observaram as atividades que ocorrem naquele período, e escolheram uma delas, no caso, as “Armadilhas de Caça”. A atividade teve a seguinte frase geradora: “Vamos conhecer nossos animais de caça”. A partir dessa atividade inicial, os professores foram buscando os conhecimentos contidos nela, e que a identificavam como possibilidades de produzir tarjetas, como aparece na figura abaixo:

Figura 6: Tarjeta feita pelos alunos 1



Fonte: Material didático da Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

Figura 7: Targeta feita pelos alunos 2



Fonte: Material didático da Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

Dentro dessa prática social existem vários tópicos que foram abordados em atividades pelos professores. Esses tópicos na prática da escola da aldeia Prata são chamados de *uru de aprendizagem*, descrito como uma capanga do conhecimento (bolsa de saberes, informações, práticas).

O nome Uru é originado do objeto feito da palha do coco tucum, no formato de uma capanga usada para coleta de frutos do cerrado, tais como: pequi, umbu, cagaita, cajuzinho do mato e maracujá do mato. A foto abaixo apresenta um Uru.

Figura 8: Objeto Uru



Fonte: Material didático da Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

O nome surgiu a partir do objeto feito da palha do coco tucum, formando uma capanga, que se usa para a coleta de frutos do cerrado: pequi, umbu, cagaita, cajuzinho do mato e maracujá do mato, com isso a associação entre os dois.

A imagem abaixo descreve o processo da atividade de construção de uma arapuca, cujos saberes, informações e práticas compõem o que eles chamam de *uru de aprendizagem* da atividade arapuca.

Figura 9: Uru de aprendizagem da arapuca 1



Fonte: Fotos do Material didático da Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

Figura 10: Uru de aprendizagem da arapuca 2



Fonte: Fotos do Material didático da Escola Estadual Indígena Oaytomorim.

A imagem 9 mostra os três momentos do processo de confecção do ararapuca, a armação da ararapuca para pegar algum bicho e depois a preparação da caça para se alimentar. Na imagem 10 mostra um desenho da ararapuca e o passa a passo do roteiro de aula a ser desenvolvido a partir da atividade.

A partir dessa organização do trabalho escolar os alunos conheceram os animais de caça de hoje e os de antigamente, bem como os seus *habitats* naturais. Também fizeram uma reflexão sobre os impactos ambientais, contando com a participação dos mais velhos da aldeia, que contribuíram com as aulas mostrando a relação de espiritualidade com os elementos da natureza e falando dos saberes

tradicionais Xakriabá. Os alunos produziram textos, conheceram e aprenderam a construir alguns objetos de caça antigos que não conheciam. E assim, a partir da atividade da prática de montar Armadilhas de Caça, segundo Diana, os professores foram fazendo a junção com os conhecimentos escolares que fazem parte da grade curricular dos alunos com os saberes e costumes tradicionais indígenas. Dentro da educação escolar, os alunos podem conhecer as espécies, como funciona o corpo dos animais, as classificações dos animais e assim caminhando para outros eixos da grade curricular.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentarei os momentos de minha participação nas atividades, agrupando-os em três. O primeiro momento foi o acompanhamento de uma reunião de planejamento, onde professores, coordenação, diretores e liderança da aldeia participaram; . Na primeira parte da reunião houve uma discussão geral sobre a educação indígena, baseada no calendário. Na segunda parte da reunião, os professores se dividiram por níveis escolares, seguindo as atividades do Calendario Sociocultural. Ainda neste capítulo, apresento a análise das entrevistas com um professor do ensino médio e com a Direção da escola.

4.1 DA REUNIÃO COLETIVA DE PLANEJAMENTO ÀS REUNIÕES POR GRUPOS DE PROFESSORES

A reunião do planejamento escolar aconteceu no dia 01/08/2017, e teve como objetivo planejar as atividades escolares do segundo semestre seguindo o calendário sociocultural. A reunião se iniciou com uma oração, conduzida pela vice-diretora Diana, que também é liderança da Aldeia Prata. Estavam presentes os professores da escola da Prata e da escola Riacho Comprido, escola vinculada à Prata, a Direção da escola, o Coordenador Pedagógico e uma liderança. A reunião foi conduzida pelas diretoras Diana (vice-diretora) e Eliane (diretora), e inicialmente podemos dividi-la em três

grandes momentos: primeiro, as diretoras explicaram os motivos daquele encontro, que se relacionava ao uso de elementos do calendário sociocultural no currículo escolar, e como os conteúdos do calendário e das disciplinas poderiam se intercalar no cotidiano da sala de aula; segundo, a divisão dos professores por grupos de acordo com o nível de atuação, quando cada docente podia dar as suas contribuições para o trabalho, e simultaneamente construir uma sugestão de trabalho para os alunos em grupos menores. Por fim, houve uma apresentação da proposta construída em cada grupo para todos os presentes.

1º momento: reflexões sobre o calendário e as práticas.

Segundo a Diretora Eliane, a reunião é para refletir e organizar os trabalhos e iniciar o segundo período de 2017. Diana fala que neste planejamento era para focar nas atividades do calendário sociocultural, pensar em como desenvolver as atividades, podendo ser realizadas no coletivo; disse que no quadro da escola desse ano entraram professores novos, porém eles não terão dificuldades, porque foram ex-alunos e já participaram dessas aulas como estudantes, mencionou também que este momento era para tirar as dúvidas caso houvesse. Porém observei que quando surgia algumas dúvidas os professores com mais experiências ajudava os mais novos. Diana fala também que as atividades não precisam ser desenvolvidas todos os dias, que podem ser intercaladas com as atividades da grade curricular dos alunos. Temos aqui clareza de que haverá alguém responsável, o tempo todo, pela condução da proposta.

Após mencionarem sobre os objetivos da reunião, as diretoras abriram a palavra para todos os presentes, para que fizessem uma reflexão sobre a importância da educação para o povo Xakriabá, bem como uma reflexão tanto sobre os objetivos quanto a metodologia a ser utilizada para o trabalho. Vejamos um pouco dessas reflexões.

O professor Valdeir falou que a método do Calendário facilitava o entendimento do aluno, uma vez que se propunha atividades em grupos. Além disso, sugeriu que as atividades permitiriam resgatar as brincadeiras e atividades praticadas antigamente. Menciona ainda que essas atividades poderiam trazer os anciões para a escola, fazendo uma troca de saberes entre professores, anciões, jovens e crianças. O professor destacou a importância de se conhecer e respeitar os ritmos diferenciados de aprendizagem dos

alunos; fala que os conteúdos não precisam ter um tempo estipulado, porque o que se leva em conta é se os alunos aprenderam, e que pode levar mais tempo para alguns. Diz também que se deve perceber e observar o que o aluno quer aprender, perceber os seus anseios, e que o professor deve ser flexível aos alunos. Sobretudo, o uso do calendário pode flexibilizar essas atitudes e concepções sobre os alunos. Valdeir falou sobre a importância do planejamento que este é o momento dos professores refletirem o que deu certo ou o que não deu certo.

Diana, ao fazer uso da palavra, mencionou que muitas vezes o professor aprende junto com os alunos, e que professor é um acompanhante do educando. Não temos dúvidas que o aluno da escola indígena é sempre percebido como sujeito integral.

Eliane, por sua vez, fala que, no projeto, deve-se trabalhar os dois conhecimentos, tradicional e científico, fazendo uma articulação entre ambos.

Seu Valdemar agradeceu a presença de todos, e falou que muitas vezes o professor quer ensinar o que ele sabe, porém não aquilo que os alunos querem aprender. Além disso, fala que devemos entender que cada aluno tem o sonho de ser uma coisa, uma quer ser professor, outro médico e assim por diante. “E que primeiro o saber entra na mente e depois vai para coração” Fala da parte espiritual, da ciência, que nunca aprendeu tudo, porque cada um percebe o mundo de um jeito. Fala da escola diferenciada, que aglutina a parte espiritual e a ciência, e que nunca apreendemos o mundo em sua totalidade.

Para finalizar, achamos importante citar Diana, que estabelece, a partir da construção das atividades anteriormente citadas, a relação com a escola indígena diferenciada. Segundo ela, o grande trabalho feito ocorre em torno da relação escola/família/comunidade. Nesse sentido, a escola trabalha em conjunto com a saúde e outros órgãos da comunidade e com a comunidade, e que todas as atividades desenvolvidas com os alunos são apresentadas para a comunidade, sendo assim uma forma avaliativa. Professores, alunos e trabalho escolar são avaliados.

No que se refere ao planejamento inicial, observei que há uma troca de experiência entre os professores mais velhos e os novatos, bem como a presença constante de seu Valdemar, liderança e sábio da aldeia. Sua participação, com seus conhecimentos sobre educação indígena e educação escolar indígena, se mostra fundamental para os professores, porque não apenas faz várias reflexões sobre

ensinamento quanto o que as juventudes estão perdendo sobre o território. Afirma ainda que as crianças já não conhecem mais os animais e os frutos. A reflexão proposta por Diana nos chama atenção para o fato de que o papel de educar uma criança não é papel do professor e sim de todos da comunidade. Esse é um aspecto da escola diferenciada.

2º momento: os grupos de discussão e a construção de atividades

O segundo momento refere-se à divisão dos professores em grupos menores para a construção de atividades a serem desenvolvidas com os alunos. O critério para a formação dos grupos foi o nível e modalidade de ensino: professores do fundamental I, professores do fundamental II e aqueles da educação média. Foi proposto, para cada grupo de professores, o levantamento das atividades cotidianas da comunidade que poderiam fazer parte do plano de trabalho para desenvolver com os alunos.

Este momento foi muito importante porque é nele que ocorreu a interação entre os professores; no primeiro momento, todos falaram um pouco das atividades cotidianas, fazendo uma reflexão das atividades que foram deixadas de ser praticadas, questionando sobre a educação indígena. Neste momento dos grupos também percebi que há um grande vínculo entre comunidade e escola perpetuada através da presença da liderança na reunião.

Outro momento foi a organização dos professores em grupos menores, onde vai sendo dialogado entre os professores por nível escolares, e apresentadas as intenções de cada um. A apresentação dos planos de trabalho mostra um diálogo geral entre eles, e como pode ser transformado em conteúdos e apresentado para os grupos. Esses momentos são extremamente importantes porque é ali que os professores trabalharam em grupos, quando um pode ajudar ao outro; e também a partir da comunicação faz com que os professores percebam um ponto de vista diferente do seu, levando os professores a fazerem questionamentos. Além de todos saberem o que cada nível está estudando, fica bem inteirados dos acontecimentos e cronogramas de cada turma da escola e da comunidade.

Grupo de professores do Fundamental I

O grupo de professores do ensino fundamental I construiu as suas atividades a partir do calendário sociocultural, tendo como eixo as manifestações e datas festivas do mês de agosto. O tema escolhido, após discussões, foi o estudo comparativo entre o

casamento de antigamente e o atual, levando em conta as tradições e rituais envolvidos em cada um deles.

A partir do levantamento feito sobre a atividade foi montada seguinte sequência que sintetiza os eixos das atividades.

Fundamental I

Tema: O casamento de antigamente e o atual

Atividades: Teatro final, exposição de fotografias, árvore genealógica da família, entrevistas e conversas com pessoas mais velhas.

Grupo de professores do fundamental II

Neste grupo de professores, os planos de trabalho foram elaborados a partir do agrupamento de alunos de níveis próximos (6º e 7º) e (8º e 9º). Uma frase que caracteriza esse agrupamento foi formulada: “Vamos usar a nossa criatividade com músicas e teatro para incentivar os alunos e professores no processo ensino e aprendizagem”.

Para cada agrupamento foram elaborados planos distintos conforme o roteiro abaixo.

6º e 7º ano

Tema: músicas e coreografias;

Atividade: Interpretação das letras, pesquisas com as pessoas idosas, sobre os tipos de músicas e ou movimentos, coreográficos de antigamente e compará- los com os de hoje.

Aulas práticas coletivas para os ensaios.

8º e 9º ano

Tema: - histórias e teatros.

Atividades: Pesquisa, montagem e apresentação de uma peça de teatro.

Avaliação- Os professores avaliarão por bimestre (3º e 4º), participação, criatividade, as atividades desenvolvidas e as apresentações dos alunos, do início ao termino do período.

Grupo de professores do Ensino Médio

Esse grupo de professores definiu como plano de trabalho a elaboração de projetos de pesquisa com o objetivo de conhecer a realidade do território, tendo assim uma frase geradora: “Vamos incentivar nossos professores e alunos a pesquisar”. Para a escolha dos temas foi pedido aos alunos das turmas do ensino médio sugestões de assuntos de seus interesses e demandas.

3º momento: apresentação das propostas

Após todas as discussões ocorridas em cada sub grupo, houve a apresentação dos planos de trabalho e das atividades a serem desenvolvidas para os professores, liderança e direção da escola. Este momento foi importante porque alguns professores trabalham com níveis de ensino diferentes. Com a apresentação dos temas passaram a saber quais atividades aconteceriam em todos os níveis escolares.

Com os momentos da reunião observei a importância do planejamento em em grupo para o calendário sócio-cultural, porque ali é o momento em que todos estão juntos, professores, funcionários, liderança e mais velhos. É naquela ocasião que é transmitido saberes e idéias, fazendo reflexões sobre quais conceitos e concepções de educação os professores querem ensinar para as crianças e jovens. Percebi, através das falas, que o objetivo dos professores e das liderança são os mesmos, preparar os alunos culturalmente, fortalecendo a cultura, sendo a escola um ponto de partida.

4.2. O TRABALHO DOS PROFESSORES DO ENSINO MÉDIO

Foto 11. Professores do nível médio



Fonte : Arquivo pessoal do pesquisador

Após o planejamento e observações de algumas aulas, percebi que não ia conseguir descrever, observar e participar de todas as práticas. Fiz a escolha de acompanhar o trabalho dos professores do nível médio, onde foram realizadas atividades que incentivam os alunos e professores a pesquisa.

Para iniciar a atividade, os professores pediram aos alunos que fizessem o levantamento das atividades de seu interesse. Após a escolha dos temas, os alunos do ensino médio apresentaram para os professores um roteiro do projeto, no dia 08.08.2017.

Os temas escolhidos foram seis, pesquisados pelos alunos e sobre a orientação dos professores. O **1º ano** ficou com dois temas, Horta na Aldeia Prata, cuja frase geradora foi: “Vamos pesquisar praticar e incentivar o cultivo de Horta e o outro tema Meio de Comunicação de antes e de hoje”. O **2º ano** escolheu dois temas: o primeiro tema foi “Os festejos da comunidade aldeia (Drogas em nosso território indígena Xakriabá- Aldeia Prata)” com as frases geradoras: “Vamos dizer não as drogas e valorizar a vida” e “Vamos dizer não as Drogas para elas não roubar a sua vida”. O segundo tema foi Desmatamento e queimada, com a frase geradora “Vamos cuidar hoje para amanhã garantir”. O **3º ano** o tema foi “As Nascentes que secaram e as que ainda tem água” com a frase geradora “Vamos pesquisar sobre as nascentes para nos conhecemos um pouco mais ?” e o outro tema “Vamos entender sobre a importância das grutas na aldeia Prata”.

Os professores acharam importante convidar um aluno recém-formado no curso da UFMG para apresentar o seu trabalho de conclusão de curso, que aconteceu no dia 09.08.2017. A apresentação visava mostrar aos alunos como se desenvolve uma pesquisa. Para desenvolver o trabalho, foram definidos dois professores para orientar cada grupo. Os professores ficaram com os grupos, cujos temas apresentavam proximidade com sua formação ou atuação na escola.

4.3 ANÁLISE DAS ENTREVISTAS

Nessa parte vamos fazer a análise das entrevistas concedidas pelas pessoas da escola. Começaremos pelo professor Naldinho, da Aldeia da Prata. A partir da visão desse professor sobre o trabalho que ele orientou, mostrarei como se organizaram as estratégias para a utilização do Calendário Sociocultural pelos professores do ensino médio.

Entrevista com o professor Naldinho

Figura 12. Professor do ensino médio Naldinho



Fonte: Arquivo pessoal do pesquisador

Naldinho é um dos professores do ensino médio que vem desenvolvendo, junto com os demais professores, as atividades do calendário sociocultural. Ele cursou o FIEI 2011/2015, na habilitação Ciências da Vida e da Natureza. É um professor que tem uma participação forte na cultura, sendo uma referência para os jovens. Ele fica a frente, junto com outras pessoas, do grupo de cultura da aldeia Prata. Eu entrevistei o Naldinho porque ele foi o professor que sugeriu a ideia de cada grupo de alunos

trabalhar, por meio da pesquisa, um tema mais geral, envolvendo temas da cultura e temas da atualidade,

Em sua entrevista, o professor Naldinho mencionou que a ideia de desenvolver um projeto de pesquisa com os alunos do ensino médio surgiu das práticas vivenciadas pelos professores na Universidade, quando cursaram o FIEI. Diferentemente de se ter apenas aulas tradicionais, o Curso FIEI passava a pesquisa como forma de se chegar ao conhecimento tradicional. Segundo ele,

NALDINHO: Surgiu essa ideia de a gente esta colocando os alunos para fazer essa atividade de pesquisa, principalmente os alunos do ensino médio. É exatamente o fato de a gente ser um educador hoje que fez o curso na UFMG, e onde a gente foi depara com esse trabalho de pesquisa lá. Então a gente viu a necessidade de a gente estar preparando a nossa juventude em nível mais de faculdade, em termos de pesquisa.
(ENTREVISTA, 14/03/2018)

O que se mostra interessante é como o professor Naldinho fez essas relações. Segundo ele, a Faculdade tinha como motivação a aproximação entre conteúdo e método, e esse deslocamento ocorria na maioria das vezes pela pesquisa. Bastava reproduzir esse caminho com os alunos do ensino medio de sua aldeia Prata, isto é, as ações do calendário seriam desenvolvidas por meio da unidade método – conteúdo . Para tanto, pensou que precisava ganhar os outros docentes, de maneira a não precisar suar tanto na orientação de muitos alunos:

NALDINHO: Porque não é aquele conhecimento básico as vezes no ensino médio da pesquisa, foi dai que surgiu essa ideia, que todo o ano a gente faz o planejamento das atividades do calendário pensou ai discutir no planejamento do calendário, esse trabalho de pesquisa. Propor isso para os alunos do ensino médio, e ai eu tinha conversado com alguns professores, não com todo mundo, e ai eu fui falando o objetivo, qual seria a ideia a proposta, ai todo mundo foi ganhando a ideia também, que seria muito importante à gente esta preparando os alunos para os trabalhos de pesquisa.
(ENTREVISTA,14/03/2018.)

Segundo o entrevistado o trabalho de pesquisa tinha alguns objetivos básicos, dentre eles ampliarem o conhecimento tradicional, além de fortalecer o uso dos instrumentos de coleta de informações por parte dos alunos do ensino médio. Podemos ler na entrevista:

NALDINHO: Onde aquele trabalho de pesquisa ia ajudar fortalecer bastante os

conhecimentos tradicionais do nosso povo Xakriabá, e onde a gente ia ficar mais envolvido através dos trabalhos os alunos ia ficar mais envolvido assim mais inteirado com a comunidade sabe com o dia a dia aprofundar mais nos conhecimentos tradicionais de que se fosse aulas normais nas disciplinas normal.

(ENTREVISTA,14/03/2018.)

O trabalho com a pesquisa nessa escola indígena traz uma novidade para nós docentes da educação básica. Refere-se à forma de escolha dos temas pelos alunos, feita de forma livre e pela orientação de dois professores, de maneira semelhante ao feito no curso do FIEI. Uns dos critérios para o professor escolher o tema para a orientação foi a proximidade com a disciplina dada. No caso do professor Naldinho, ele orientou não a temática relacionada a sua formação inicial, mas o seu tema de pesquisa feito na UFMG, que foi as formas de comunicação entre o povo Xakriabá. Em sua avaliação, se por um lado os saberes de sua área de formação, ciência da vida e da natureza, ficaram um pouco distantes da proposta de pesquisa que ele orientou, por outro, os alunos do ensino médio tiveram muito contato com os saberes tradicionais de forma organizada, além de aprenderem a dominar os passos para a realização de uma pesquisa. O tema também permitiu ricas relações com as tecnologias atuais. O excerto a seguir ilustra bem essa fala:

NALDINHO: Então a gente se preocupou em fazer com que os nossos alunos saia formado do ensino médio tendo um pelo menos o conhecimento básico da pesquisa: como fazer as entrevistas, então a gente pode perceber que uns dos objetivos era esse, dos alunos aprenderem fazer os conhecimentos básicos da pesquisa, fazer roteiro saber quem são as pessoas que eles vão fazer as entrevistas, porque também as escolhas das pessoas para fazer as entrevista, ficou de acordo com eles mesmo. A gente estava ali só acompanhando, auxiliando mesmo. As lideranças falam muito que é inevitável hoje, porque a tecnologia entram na comunidade indígena, as lideranças sempre falam para a juventude ter o domínio da tecnologia, não deixar a tecnologia dominar a juventude, (...) gente sabe do estrago que ela fez na comunidade indígena em termo de tirar a atenção da juventude sobre as praticas culturais sobre os costumes, a então assim, a liderança fala muito para usar a tecnologia ao nosso favor, e quando eu sempre vejo as lideranças falar essa frase, a gente pode perceber, os alunos usaram bastante essa tecnologia a nosso favor nesse trabalho de pesquisa.

(ENTREVISTA,14/03/2018.)

Ao ser perguntado sobre a vantagem desse trabalho para a aprendizagem dos alunos, o professor Naldinho mencionou que todas as pessoas envolvidas na pesquisa

apreenderam muito sobre o tema, isto é, os alunos, os professores e as pessoas entrevistadas pelos alunos. No que se refere aos alunos, o professor comenta:

Sobre a vantagem de trabalhar dessa forma para a aprendizagem dos alunos a gente pode perceber que umas das coisas que eu pude perceber, que foi uma atividade que chamou a atenção dos alunos, a gente vem trabalhando a anos ai no dia a dia sem esse trabalho de pesquisa, e a gente pode perceber principalmente quando chega nos finais de semanas aula muito cansativa, os alunos que a vezes, não todos, alguns desinteressados no meio do grupo. Eu pude perceber que através do trabalho de pesquisa o objetivo de todos era um só: (...) em desenvolver essa pesquisa, em aprender mesmo, e chegar pronto. Chegar ao conteúdo final pronto. Eu consegui perceber participação muito grande dos alunos igual eu falei para você sobre essa parte, sair um pouco das quatro paredes, ter uma aula mais dinâmica, conhecer mais. O próprio trabalho mostrou para os alunos como conhecer mais a comunidade e ter aquela interação mais assim interagir mais com as pessoas mais velhas da comunidade. (ENTREVISTA,14/03/2018.)

Por fim o professor Naldinho ressalta o desafio que foi para ele realizar a orientação de um projeto de pesquisa, apesar de os alunos terem tido toda a liberdade na elaboração dos temas. Segundo ele, trabalhar com pesquisa com os alunos do ensino médio, é valorizar o que aprendeu em seu processo de formação na UFMG e aplicar esse conhecimento em sua comunidade.

Entrevista com a vice-diretora e a diretora

Foto 13. Vice- diretora Diana

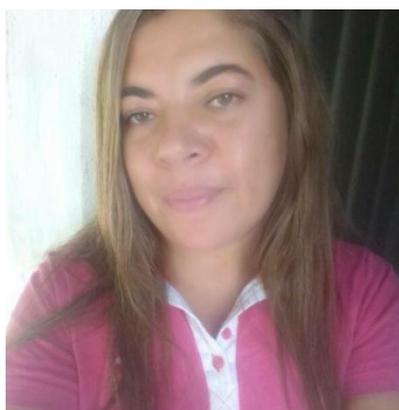


Foto 14. Diretora Eliane



Fonte: Tirada das redes sociais

A direção da escola é formada pelas irmãs, Diana e Eliane.

Diana é a vice - diretora e professora da Escola Estadual Indígena Oaytomorin. Ela também é a vice - liderança da aldeia Prata. Foi através da UFMG, pelo curso FIEL,

que ela conheceu o MII do calendário sociocultural. Desde então, vem desenvolvendo esse método. Eu entrevistei Diana porque foi ela que levou o MII para a aldeia Prata e é uma das referências no território Xakriabá para o desenvolvimento da proposta do calendário nas escolas.

Eliane é a diretora da Escola Estadual Indígena Oaytomorin, tem formação em Pedagogia e é estudante na UFMG, no FIEI, na habitação Língua Arte e Literatura. Eu entrevistei Eliane porque ela é muito próxima da Diana e porque, como diretora, pode falar dos desafios que a escola enfrenta para administrar a proposta do calendário dentro da proposta de organização da escola vinda da secretaria de educação.

A entrevista com as Diretoras Diana e Eliane mostrou como foi a implantação do MII do Calendário Sociocultural. Através da fala da Direção, compreendemos os desafios da implantação dessa proposta e como esse método contribui para a construção das atividades escolares.

Segundo as diretoras, a utilização do Calendário promove uma relação da escola com a comunidade, o que permite construir um projeto educacional diferenciado, mesmo com as dificuldades impostas pela secretaria de educação.

DIANA:Estou falando da questão ambiental, o trabalho do calendário voltado para as atividades que está acontecendo, a escola como um espaço de desenvolver esse trabalho, quando agente procura trabalhar um currículo diferenciado tudo que está acontecendo durante o ano,é durante a vida no território da aldeia, então a gente faz essa ligação entre a comunidade e a escola, isso é importante ,mostrar também para professor que está envolvido nesse trabalho da escola, que é possível desenvolver esse trabalho .

ELIANE: e também que quando a gente ver ali pelo o desenho que ilustra um pouco a preocupação da relação com a natureza, o respeito com os elementos naturais, então esta tudo entrelaçado escola, comunidade, natureza e meio ambiente.(ENTREVISTA,05/04/2018.)

Compreender a formação do calendário também possibilitou aproximar a escola do que ocorre no território. O Calendário não é aquela folhinha com os dias do ano, mas o conjunto de práticas sociais, festivas, dentre outras, que ocorrem no território. Para tanto, estudaram muito, além de ver como outras aldeias usavam o calendário na construção de suas práticas:

DIANA:Entender esse trabalho em sala de aula, fiz muito esse trabalho também no FIEI sobre entender um pouco como que era, como que os professores desenvolvia o

trabalho em sala de aula e como que fazia essa ligação com esses outros conhecimentos, então eu observei muito também li muito também, então é isso muita leitura a gente foi em Roraima conheceu a experiência que eles desenvolve lá , não tivemos a oportunidade de ir no México ainda, mais assim mesmo sem a gente ter ido a gente parece que vivencia parece que a gente esta lá, quando a gente começa a trabalhar a gente vai lembrando, a gente leu muito os material deles é muito importante , mais ai no inicio a gente não sabia muito assim ...quando fala calendário, a gente via muita aquela questão dos meses, como é colocado, como a gente ver na folhinha essa divisão , mas ai o trabalho é mesmo entender, que durante todo o ano a gente esta vivenciando o que acontece no território, e desenvolver isso na escola. E agora como é que feito? A gente foi na escola de Rancharia no Custodio ,Brejo , Catinguinha, então a gente tem feito essas andanças também, mostrando que é possível, e no Riacho comprido também.(ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Na entrevista Diana conta como foi estruturando o calendário por meio de entrevistas com os mais velhos, com suas próprias observações da natureza e das práticas cotidianas, e transformando essas falas em desenhos, produzindo material que permite ver, concretamente, o que ocorre ao longo do ano, como já relatei na seção 3.2.

Mencionam que:

DIANA: E também o importante quando a gente fala na questão ambiental, a gente também tem que entender a natureza , ver que parte da natureza (o calendário esta me mostrando ele em forma de desenho) pelo o exemplo desse trabalho aqui é um trabalho mostrando o trabalho da mandioca durante o ano, a produção de farinha. Ta falando mais dessa questão aqui tudo que vai acontecer nesse ciclo do trabalho, dos adultos, das crianças também , das pessoas,esta relacionado com o que esta acontecendo aqui com a natureza. Como que esta o tempo de chuva? é tempo de sol ? Porque tem as temporadas, as temporadas não acontece durante o ano é só um tempo. A partir das pesquisa que foi feita com os mais velhos eu lembro que nos anotamos tudo,fomos perguntando mês a mês, esperamos também ir passando o tempo e observando, vendo se aquilo que eles falavam era realmente e realmente é , a gente foi acompanhando junto e foi fazendo, as coisas que nos tinhamos duvida fomos esperando aquele tempo, para ver se realmente era aquilo mesmo , já tinhamos a experiência de vida, ai depois transformamos toda a pesquisa em desenho, fiz esse coloridinho lembrando da experiência do México, depois quis fazer voltado em questão mais de uma atividade no caso dessa da produção de farinha , depois a gente fez esse aqui ,mais assim no geral, porquê esse aqui para fazer esse aqui a gente fez pegando a orientação, fazendo a pesquisa para gente entender por exemplo pegando o mês de agosto, como que estava o céu? como que estava o clima? a temporada, os vegetais, os animais,o que os adultos estavam fazendo? o que as crianças estavam fazendo em cada mês? a gente sabe que isso aqui esta bem resumido, tem muita coisa fizemos um resumo de cada mês. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

O calendário na verdade é nada mais que uma forma de colocar a escola diferenciada, uma escola indígena com suas características próprias, que tem sua organização interna, acompanha o tempo da natureza e vivencia os momentos de luta política. O calendário é a vivencia de todos os acontecimentos cotidianos, é tudo e todos os elementos da natureza e espiritual. Vejamos o que dizem as entrevistadas:

DIANA:Porque o calendário na verdade já é tudo o que a gente fazia, por exemplo quando a gente estava ali reunido ali falando sobre a questão da ATL que vai ter, o acampamento terra livre em Brasília, estavamos definindo, conversando vendo quem são os professores que vão participar, quem é as pessoas que vão nessa viagem, para que? Vão em busca de que?com certeza vai em busca de alguma coisa, e ai? Fala muito em direitos indígenas, esta aproximando a comemoração ,dia do índio,mais nos sabemos, é um momento de reflexão, então tudo isso esta ligado no calendário , a questão ambiental , questão politica , tudo esta ligado em questão da organização social, então assim a questão, o trabalho que a gente desenvolve com o idoso, com as crianças, com as famílias, tudo isso esta refletindo no calendário. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Segundo Diana, essa forma de trabalhar trouxe benefícios, ajudando a fortalecer as atividades coletivas e facilitando a organização de eventos com outros grupos .O calendário ajuda porque se ancora no trabalho em grupo:

DIANA: (...) nos preparamos a formatura, então tudo isso é voltado para a questão, a gente não tem mais aquela dificuldade de sentar com o grupo da comunidade ou de servidor da escola, não temos mais uma dificuldade de fazer um planejamento em desenvolver por exemplo , aconteceu a formatura aqui na aldeia, já temos aquela facilidade de organização. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Já a diretora Eliane fala que o Calendário apresenta atividades por faixa etária que não cabe na organização de grades curriculares gerais proposta pela secretaria, mas talvez caiba na formatação de atividades do calendário.

ELIANE:Dependendo do ambiente a ser pesquisado tem a questão da faixa etárias e também assim tem uma limitação por exemplo vamos lá conhecer uma gruta lá tem as pinturas rupestres, a gente sabe que um lugar distante e perigoso, vamos ter cuidado, e não é interessante nesse momento as criancinhas pequenas ir , então quem vai levar ? quem vai orientar ? alguém que já tenha conhecimento com aquele território a ser pesquisado a ser visitado. Então quando a gente pensou, vamos fazer pesquisa com as crianças, pensamos em uma coisa que as crianças já estejam inseridas igual quando a

gente pediu para ter um outro olhar para a coleta de umbu e pequi, quem mais colhe umbu e pequi para os adultos são as crianças, então isso não é novidade, vamos desenvolver essa atividade de coleta de umbu e pequi com as crianças, então fomos em um lugar que eles já tinham costume de toda hora, mas com outro olhar, de explorar o que tinha por ali identificar a questão. Depois no retorno para o conhecimento escolar identificar questões de textura, cheiro, sabor, da importância alimentar, alimentação saudável e higiene. Ai vai puxando muita coisa importante para o dia a dia, que vai acontecendo de forma natural, ai a coisa vai rendendo. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

E ainda, quando pergunto a elas como são as formas de registro, elas respondem.

ELIANE :então assim as formas de registro, é igual você esta dizendo mesmo é a organização de material, tem um como se diz,Diana mesmo é uma referencia, por ter na casa dela mesmo. Assim porque a gente tem que ter um lugar, as vezes os nossos espaço é precário e apertado e não da, mais assim, muitos professores também tem em casa. A gente orienta a organizar a encaderna durante as aulas é uma forma de registro.

DIANA : o calendário traz né essa experiência também né que é de ter um local uma casa de artes, uma biblioteca, ter referencia de todos esses trabalhos é uma forma de a gente esta guardando também é os registros. Traz a idéia do jardim, de ter também esses espaço para a criança o aluno esta desenvolvendo o jardim e esta levando aquela experiência para o resto da vida, aquele conhecimento ele desenvolve aqui na escola e chegar na casa ele vai querer fazer, tem aquele incentivo. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Sobre a produção de material didático, Eliane fala que o trabalho com o calendário permite o uso de metodologias alternativas.

ELIANE : outra coisa assim quando a gente fala de materiais de registros, nós tivemos os programas e temos o saberes indígenas, mais uma parceria que na questão de produção de material diferenciado nos teremos, vai sair um livro dos frutos e frutas dos quintais Xakriabá, que foi a partir das pesquisas. Começou de forma simples com as crianças sobre essa questão das coletas de frutos do quintal, nativas (...) a gente pesquisou e identificou descobriu algumas coisas que a gente não sabia, buscando conhecimentos nos livros didáticos existentes, internet e a gente fomos encadernando as produção dos alunos dos professores tudo o que desenvolvia no decorrer das aulas. Trabalho de um ano que a gente já fazia, mais começou a registrar, ai quando a gente

começa a registrar, vai mudando um pouquinho a cara, tivemos oficinas para ilustrar melhor. Será tipo um alfabeto ilustrado, mais também em formas de versos, vai contando sobre os frutos e as frutas pesquisadas, nutrientes daquela fruta a importância, como foi a pesquisa. Vai resultar num material para circular nas escolas xakriaba, então assim tudo a partir dessas pesquisas com o calendário também entendeu? vai ser mais uma forma de registro que começou simplesinha, ali né manuscrito e seu Deus quiser já está na gráfica, eu acho que vai chamar a atenção, uma coisa colorida que tenha a ver com o dia a dia das crianças da gente. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Na Escola Estadual Indígena Oaytomorim, na Aldeia Prata, observamos o uso do calendário Sociocultural em seu planejamento escolar e nas entrevistas com a direção da Escola, foi possível perceber como eles transformam as atividades em aula e as ferramentas que foram desenvolvendo. A vice-diretora explica um termo criado na escola para falar do passo a passo das aprendizagens que ocorrem nas atividades:

DIANA: (...) uru poderia ser esse aqui, que está mostrando uma atividade que o uru de aprendizagem entendeu, que aí por exemplo vamos lá para o planejamento o professor vai trabalhar aí esse uru tá tudo aqui dentro, tem como ideia o uru é um objeto de colocar aqui, colocar alguma coisa dentro pode ser qualquer coisa e agora nós vamos pegar daqui para trabalhar, e agora nós não vamos da conta de trabalhar tudo? aí pega alguma coisa, entendeu? uru da aprendizagem.

EDILENE: então tira do uru.

ELIANE: o engraçado que o uru também está dentro da pesquisa confecciona o uru...

DIANA: e ele ficou tão importante que foi uns dos objetos assim material que a gente começou a pesquisar para entender, compadre Valdemar falou assim o uru, bora entender esse uru bora fazer esse uru, e os meninos foram fazer esse uru ficamos fazendo esse uru, e a partir dele e aí tem mais coisa e o tapiti que para exprimir a massa no momento da produção de farinha. E aí é o tapiti? Bora fazer o tapiti nós fomos fazer o tapiti, fez o trajeto até lá no mato no pé de embiruçu onde tinha professores alunos os mais velhos acompanhando, troucemos fomos fazer esse tapiti...

ELIANE: foi engraçada essa questão do uru, até agora quando tem uma coisa difícil da gente decifrar, a gente fala nossa tá o maior uru (risos) Rancharia usou outra expressão foi qual expressão? Parece que foi capanga.

(ENTREVISTA, 05/04/2018)

O Calendário promove o envolvimento e autoria de todos da comunidade:

ELIANE: com certeza muita gente na hora que bater o olho vai falar assim nossa isso aqui foi ideia minha, esse desenho, esse verso, esse texto. Teve a participação da comunidade toda da escola.

(ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Calendário promove um olhar maior sobre o aluno, isto é, sobre a aprendizagem.

DIANA: Uma coisa que a gente descobriu na atividade do casamento (obs: atividade do primário) que um grupo de professores que queria falar sobre o casamento, desenvolvemos o trabalho, fizemos roda de conversas com as pessoas mais velhas, venheram na escola ,colocamos esses meninos tudo lá para ouvir .Ai nos caímos a ficha que o trabalho do casamento serviu mais para os professores do que para os alunos, porque até de uma forma esses alunos participaram a gente pensou, desenvolveu e tudo mais ,mas serviu mais para os professores, entendeu? porque no trabalho do calendário a gente destaca a importância do trabalho do professor, porque o professor está como (...) o professor como acompanhante né não é aquele professor que está ali a frente um educador mais um acompanhante né que esta ali,para acompanhar então é fazer... porque as vezes a gente pensa que a preocupação é só para o aluno mais para o professor também. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

Por fim, Diana afirmou que o calendário busca atividades que tem a ver com o nível de escolaridade dos alunos e assim as atividades vão ficando mais complexas de acordo o nível. O calendario é um ciclo que não encerra, embora eles fazem uma avaliação no final do ano das atividades escolares, adequando à modelo de avaliação quantitativo exigido pela secretaria. Ela reflete que o conhecimento se perpetua na comunidade, por exemplo, neste momento que os professores e alunos estão de “férias” das aulas físicas, ambos fazem vários questionamentos querendo aprender mais um pouco de cada atividade, pois a pesquisa não acaba, sempre se prolonga.

DIANA:Agora esse ano nos vamos desenvolver com os brinquedos , a partir do mês de maio (...) Vamos dar continuidade dos projetos de pesquisa para o ensino médio que foi tão bom e fazer esse trabalho com os pequenos, dos brinquedos de antigamente, a gente voltar para eles saber como era os brinquedos antes, e eles confeccionar os brinquedos. (ENTREVISTA, 05/04/2018.)

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente estudo possibilitou a análise de como uma escola Indígena Xakriaba estrutura sua educação através do calendário sociocultural.

Além disso, permitiu acompanhamento de reuniões de planejamento e entrevistas com professores e diretoria da escola, reunindo dados que permitiram a análise de dados .

Durante este percurso fiz análises das reuniões de planejamento, entrevistas e leituras. A partir delas que meu trabalho foi sendo apoiado, e me ajudou a entender como pode ser estruturado o Calendário Sociocultural na Escola.

Os dados mostraram como a escola da aldeia Prata vem construindo uma escola diferenciada e como o calendario vem fortalecendo e contribuindo para essa construção. Os ciclos do calendario sociocultural orientam a escola Indígena a formar aluno indígenas. Mostra também os desafios que a escola tem de enfrentar para atender os órgão não-indígenas (Secretaria de Educação) que querem que as escolas indígenas sigam o calendario da escola não-indígena. Essa é uma contradição porque a escola indígena é amparada pela constituição, porém, na pratica, não vem sendo respeitada.

Os dados também apontam como o Calendário vem contribuindo para acompanhamento das praticas da comunidade, seguindo o ciclo da Natureza porque dentro do calendario tem as atividades mensais onde aparecem o cotidiano de todos no território. Todos tem formas diferentes de participar podemos encher a importância das crianças, dos jovens e dos mais velhos dentro desse calendario. Por exemplo, na atividade de animais de caça, aparece momentos dos adultos e das crianças, pois as crianças também caçam com estilingue, bodoque, arapuca. Nesse momento, eles aprendem muitas coisas do território, pois sempre estão acompanhados por um mais velho. Esse acompanhamento da escola provoca algumas reflexões nos professores e lideranças sobre qual o tipo de educação querem para os jovens Indígenas Xakriabá.

O calendario vem mostrando que é possível uma educação diferenciada para todos os níveis de ensino, pois possibilita não ter a divisão por disciplinas como vem na grade curricular. Apenas o nível de complexidade aumenta de acordo a idade dos alunos. Mostrou também que é possível trabalhar os saberes tradicionais e o científico, partindo primeiro do saber tradicional. Especialmente, algumas práticas tradicionais vem para uma formação escolar por meio da pesquisa. Não se mistura o saber tradicional e o científico, por exemplo, quando a prática envolve espiritualidade.

A análise e a compreensão do desenvolvimento do calendario sociocultural em uma Escola Indígena do povo Xakriabá contribui para criar formas de registro do modo de um povo trabalhar a sua educação Indígena diferenciada. Por fim, o Calendário

permite aos professores, alunos e à comunidade uma aprendizagem mutua, de modo que todos aprendem na pratica vivenciada.

O percurso também me permitiu a participação e observação de algumas aulas em todos os níveis. Achei todas as praticas importantes porque todas permitem o contato entre todos, e ali vai se perpetuando a pratica do aprender no momento que se faz. Porém, a atividade desenvolvida no ensino médio me chamou a atenção devido o professor e aluno estar um ao lado do outro para fazer uma pesquisa. O professor sendo um acompanhante e assim os dois estarem aprendendo juntos no decorrer da pesquisa. Ao desenvolver a pesquisa o professor vai compreendendo o Calendário Sociocultural, o aluno, por sua vez, compreendendo o seu espaço (território), seu papel nesse local, se sentindo parte de uma comunidade.

Durante o percurso fui aprendendo com as leituras e as análises das entrevistas, como fazer um trabalho de conclusão de curso. Tive alguns desafios com a escrita e as leituras das referencias bibliográficas, também tive dificuldade de lidar com a parte de tecnológicas porque nunca havia manuseado um notebook, câmera fotográfica e gravador de áudio, ao longo da pesquisa fui dando conta de manusear todas essas tecnologias.

Essa pesquisa me permitiu como professora indígena a entender a importância da escola dentro de uma comunidade, que pode ser libertadora ou nos aprisionar. O calendário sociocultural mostra uma educação que liberta, além de fortalecer praticas de um povo, fazendo uma junção com o ensino escolar.

Dada a importância do assunto torna - se necessária a continuidade desta pesquisa, porque neste trabalho apresentei como é estruturado o Calendário Sociocultural na escola. Seria importante aprofundar a pesquisa acompanhando uma atividade de campo com alunos, fazendo na pratica um ciclo do tempo do calendário sociocultural, de modo que permitirá ver como ocorre a aprendizagem dos alunos, a partir dessas praticas.

Ao finalizar este trabalho podemos refletir sobre alguns aspectos. Antigamente não havia o ensino escolar, apenas o saber familiar, quando os alunos aprendiam as praticas da comunidade. Com a chegada da escola na comunidade os alunos ficam menos tempo no convívio familiar. A escola vem se tornando um local importante porque é ali que o jovem indígena passa a maior parte do tempo. A escola diferenciada

vai mostrar um novo olhar para atividades da aldeia, trazendo a vivência comunidade e, assim, compreendendo as políticas internas do nosso território, como se fosse um “templo sagrado”. Embora a escola venha de outra cultura, nós estamos nos apropriando dela para assim reformulá-la, pois quando chegou em nossas aldeias ela veio querendo colonizar, desafio esse que enfrentamos todos os dias . Não é a aldeia que tem que caber na escola e sim a escola que tem que caber na aldeia, ela que deve nos acompanhar e não vice e versa. A educação escolar indígena, além de preparar os alunos para chegar à Universidade, deve-se voltar para o fortalecimento da cultura indígena e também a transmissão de saberes adêmicos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CRUZ, Fernanda Gonçalves . 2013. **A experiência de implementação do calendário de acompanhamento da natureza e da vida do povo xakriabá e o olhar dos professores sobre as práticas pedagógicas nas escolas onde atuam** Percurso acadêmico apresentado à Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção ao título de Licenciada em Ciências Sociais e Humanidades. Orientadora Ana Maria Rabelo Gomes.

GASCHÉ, Jorge. 2012. **fracaso y éxitos de una propuesta educativa intercultural concebida y aplicada en américa latina y basada sobre el método inductivo intercultural** conferencia Quito - junio 2012. Fundación Equitas, Chile.

GODOY, Arilda S. **Introdução a Pesquisa Qualitativa e suas Possibilidades**, Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n.2, p.57-63, 1995.

LUCIANO, Gersem dos Santos. **O Índio Brasileiro: o que você precisa saber sobre os povos indígenas no Brasil de hoje**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; LACED/Museu Nacional, 2006.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Resolução nº 3 de 10 de novembro de 1999**. Brasília: MEC- CNE/CEB.

RESENDE, Marcia Maria Spyer et.al. **“Diálogos e Experiência do Calendário Socioecológico: Povos Indígenas de Minas Gerais e Bahia” apresentação**. III Reunião Equatorial de Antropologia (REA) e XII Encontro de Antropólogos do Norte e do Nordeste (ABANNE) – “Diálogos Interculturais na Pan-Amazônia”, Boa Vista (RR), de 14 a 17 de agosto de 2011, GT 6 – Sessão I “Estado, Agentes Educativos, Movimentos Sociais e Cidadania Intercultural – Moderador: Rossana Podestá Siri (Universidade Pedagógica Nacional – México) – GT intitulado: “Educação e Conflito Intercultural na relação entre Povos Indígenas e Estados Nacionais” –Coordenadores: Maxim Repetto (Insikiran/UFRR), Maria Bertely (CIESAS – México) e Jorge Gasché (IIAP – Peru). Resumo não publicado nos Anais do evento, porém apresentado no referido GT.

SILVA, Marcos Antonio Pinheiro; SANTOS, Marly Barbosa; SANTOS, Terezinha Gomes. 2017 **O pequi no território Xakriabá: processamento e usos na Aldeia Caatinginha**. Percurso de pesquisa apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Ciências, Sociedades e Humanidades.